

SOBRE A AUTOBIOGRAFIA NA LITERATURA DE EXÍLIO: UM CONTO DE ANNA SEGHERS***ABOUT THE AUTOBIOGRAPHY IN THE EXILLITERATUR: A SHORT STORY FROM ANNA SEGHERS***Patrícia Helena Baialuna de ANDRADE¹

RESUMO: Durante o período em que o Nacional-Socialismo esteve no poder na Alemanha, grande parte dos escritores e intelectuais do país passaram a viver no exílio e produziram aquela que ficou conhecida como Literatura de Exílio. Em meio à grande diversidade de vertentes, estilos e temas que compõem o controverso movimento, foi prática recorrente dos autores desterrados relatar as experiências de perseguição, fuga e exílio em seus textos. Neste artigo procuramos apontar para a presença do elemento autobiográfico no conto “O passeio das meninas mortas”, de Anna Seghers, e refletir sobre os possíveis desdobramentos ideológicos da presença desses elementos no texto da autora.

PALAVRAS-CHAVE: Autobiografia, Exílio, Anna Seghers.

ABSTRACT: During the period of the Third Reich in Germany, many of the writers and intellectuals of the country were living in exile and produced the so called Exilliteratur. Among the great diversity of aspects, styles and themes that make the controversial literary movement, it was a common practice of exiled authors to report the experiences of persecution, escape and exile in their texts. In this article, we point to the presence of an autobiographical element in the short story The excursion of the dead girls, from Anna Seghers, and reflect about the possible ideological implications of the presence of these autobiographical elements in writer’s text.

KEYWORDS: Autobiography, Exile, Anna Seghers.

Em meio ao expressivo crescimento nas últimas décadas de manifestações literárias que de algum modo tangenciam o que poderíamos chamar *de escrita de si*, como as autobiografias de personalidades famosas, memórias de pessoas que vivenciaram situações extremas como a *Shoah* ou ainda romances autobiográficos ficcionais que agradam bastante o público do mercado editorial, voltamos nossos olhos a uma época em que a narração das próprias experiências não era uma tendência de mercado, mas quase uma necessidade que se multiplicou nas vozes de escritores exilados. Impedidos de viver e publicar na Alemanha durante o período de 1933 a 1945,

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da UNESP, *campus* Araraquara. Bolsista CNPq. Email: patriciabaialuna@gmail.com

os muitos autores que passaram a viver em terras estrangeiras devido à perseguição e ameaça da censura nazista produziram um conjunto de obras que até hoje são lidas sob o tênue e controverso laço da Literatura de Exílio, já à época questionada em seu *status* de movimento literário pela diversidade de autores exilados e, portanto, de vertentes, estilos e temas que abarca.

Apesar dessa fragmentação e da dificuldade para apontar traços gerais pertencentes à *Exilliteratur*, facilmente se identifica em meio à rica produção literária do período uma recorrente voz de manifesto a favor da liberdade que faz com que o conjunto seja equivocadamente considerado como simplesmente “literatura engajada na luta contra o fascismo”. De fato existe tal literatura dentre as publicações de autores alemães nas décadas de 1930 e 1940, mas de modo algum as mesmas se restringem a isso. Outra recorrência sistemática das obras produzidas em exílio é a narração das situações vivenciadas pelos autores, os quais tiveram que enfrentar inúmeras dificuldades desde a fuga até a sobrevivência em solo estrangeiro; estas dificuldades ficaram registradas em numerosos textos de caráter autobiográfico e em outros que, embora ficcionais, poderiam por certo confundir-se com a vida de qualquer cidadão alemão sob a luz de dados históricos que conferem a esses relatos grande verossimilhança.

Em meio aos prestigiados intelectuais que abandonaram sua terra natal germânica, o nome de Anna Seghers sempre se destacou como uma das mais atuantes escritoras exiladas. Dedicada a promover a união e o diálogo dos escritores desterrados, sua produção literária é emblemática do engajamento acima mencionado e, mais que isso, de reconhecido valor pelo retrato que compõe da sociedade alemã sob a égide do nazismo e da destruição causada pela guerra. Neste texto apresentamos a leitura de um de seus contos, *O passeio das meninas mortas*. Propositadamente o escolhemos, dentre a vasta bibliografia de Seghers (que publicou durante aproximadamente cinquenta anos), por ter sido escrito na década de 1940, o auge dos graves acontecimentos que marcaram o século XX. Pelos nítidos elementos autobiográficos que contém, escolhemos o conto para analisar o relato de experiências peculiares à época segundo a voz de Seghers, uma vez que

embora os dados históricos sobre esta fase tenham sido documentados e interpretados mais exaustivamente do que sobre qualquer outro

acontecimento, é somente a memória individual que pode revelar a dimensão da experiência do sujeito que participou do evento. (GALLE, 2006, p.82).

O passeio das meninas mortas, escrito em 1944 enquanto Seghers vivia no México e publicado pela primeira vez em 1946, é uma narrativa em primeira pessoa que se inicia em terras mexicanas com a resposta a uma personagem que supostamente lhe teria perguntado de onde viera, ao que a narradora responde ser da Europa. A descrição do espaço que se segue é a de alguém que não pertence àquele cenário, destacando os cactos e a aridez de uma “paisagem lunar” (Seghers, 1969, p.29). As explicações que seguem, sobre uma “enfermidade que durara meses e que me alcançara ali, depois de ter saído incólume dos múltiplos perigos da guerra” (p.30) e o calor e o cansaço que sentia vêm fragilizar o pacto autobiográfico tal como proposto por Lejeune: ao invés de declarar de forma incontestada que os acontecimentos relatados seriam reais e teriam sido vivenciados pela própria Seghers, os dados que apontaremos, notadamente convergentes com a biografia da autora, são postos em dúvida pela atmosfera criada logo no início do conto: a convalescente protagonista, diante de um ensolarado caminho, deseja ir até um muro branco e uma construção na direção do deserto que teriam despertado sua curiosidade ainda da janela da hospedaria:

Apesar da fraqueza e da fadiga que já ali me obrigaram a descansar, eu precisava descobrir o que havia com aquela casa [...]. Como as próprias montanhas, o rancho jazia envolto numa bruma cintilante, a qual não sabia se era poeira no sol ou cansaço, fazendo com que os objetos mais próximos se afastassem e a distância se aclarasse. [...] Ergui-me, pois a fadiga já me aborrecia, e a névoa diante dos olhos dissipara-se um pouco. (SEGHERS, 1969, p.30).

Sob essa aura de incerteza criada pela visão pouco nítida, pelo cansaço da narradora e o mistério da casa sobre a qual ninguém quisera informa-la, abrir-se-á uma visão do passado que a todo momento será confrontada com a realidade do presente. Para Philippe Lejeune (1991, p.48), o pacto autobiográfico se dá quando há a correspondência entre autor, narrador e personagem. O teórico francês também estabelece alguns elementos que seriam necessários para se considerar uma obra como autobiográfica: a mesma deve se tratar de uma narrativa em prosa, o tema tratado deve ser a história de uma personalidade, a identidade do autor coincide com a do narrador e do protagonista, e a narrativa deve ter uma perspectiva retrospectiva.

Quando a protagonista chega ao rancho e passa pelo muro, a paisagem se torna mais verde pelo viçoso jardim no qual havia uma gangorra e uma voz a chamá-la: “Netty!” (esclareça-se neste ponto que Anna Seghers é o pseudônimo de Netty Radvanyi, nascida Reiling), nome pelo qual não a chamavam “desde os tempos do colégio”. O nome verdadeiro da autora, a origem europeia, a estadia forçosa no México por enquanto parecem reforçar a tese de uma base autobiográfica do conto. A criação da mencionada atmosfera de dúvida, da visão envolta em brumas e da fragilidade da personagem, atingida por forte cansaço e recém curada de uma enfermidade, suspendem a certeza da autobiografia devido à própria incerteza do que seria narrado em seguida como fato, sonho ou delírio.

A mudança da paisagem árida para o verde frescor de um jardim marca o contraste que perpassa todo o conto: a visão do passado, a época escolar da personagem, a alegria despreocupada das meninas, a amizade entre elas e sua admiração pelas professoras serão contrastadas a todo tempo com o plano temporal da experiência atual de Netty no México, e de tudo o que ela sabe ter acontecido com aquelas pessoas nos anos seguintes a esta tarde feliz. Neste instante do encontro do jardim a névoa acaba de dissipar-se e Netty vê uma menina na gangorra, sua amiga da escola, Leni. Ao mesmo tempo em que um novo plano temporal se constrói com o reviver daquela tarde enquanto era apenas uma mocinha, Netty se mantém como narradora consciente do presente, de guerras e cisão entre a população alemã, conhecendo os destinos de cada uma das personagens que serão reencontradas na visão. À visão do viço juvenil de Leni, declara:

admirei-me de que o rosto de Leni não deixasse transparecer nada daqueles acontecimentos terríveis que lhe haviam arruinado a vida. Seu rosto estava liso e brilhante como uma maçã, e nele não havia nenhum indício, nem a mínima cicatriz dos golpes que os homens da Gestapo lhe haviam aplicado durante a detenção, quando ela se negara a fazer declarações sobre o marido. Sua trança grossa [...] destacava-se nitidamente da nuca durante o balanço. (SEGHERS, 1969, p.32).

Leni é a primeira personagem – de várias que se seguirão ao longo do conto – a ter sua vida colocada sob a contrastante visão diacrônica que compara a promissora juventude de um grupo de amigas com o futuro de inimizade, sofrimento e morte que lhes estava reservado. Estava com Leni na gangorra a bela Marianne, que ao sair abraça

a amiga e gentilmente tira-lhe do cabelo algumas hastes de capim, ao que a narradora declara: “Pareceu-me impossível tudo o que me haviam contado e escrito sobre as duas” (p.33), e em seguida esclarece que no futuro Marianne, casada com um alto oficial alemão, recusara-se a ajudar as vizinhas que queriam salvar a filhinha de Leni quando esta fora presa e enviada a um campo de concentração.

À medida que Netty introduz novas colegas, professoras ou os rapazes (que logo se juntariam ao grupo) ao relato do passeio às margens do Reno, o destino de cada um é logo revelado à luz da onisciência da narradora: a pequena Nora se tornaria líder da Associação Feminina Nacional-Socialista, a querida professora Srta. Sichel seria escorraçada pelas próprias alunas como uma “judia porca” e enviada a um campo de concentração; a namorada Lore suicidaria-se diante da ameaça que significou terem descoberto seu amante judeu; Ida, que perderia o noivo em uma batalha da Primeira Guerra, tornar-se-ia enfermeira e seria morta em um bombardeio que atingiu seu hospital; a gorducha Elsa, tão apolítica quanto o marido, não resistiria a um ataque aéreo inglês que destruiria toda a casa e a oficina da família. Várias outras personagens participam do passeio, e são descritas sua juventude, seus posicionamento futuro mediante o nazismo e seu destino. Ressalte-se que todas as personagens, independentemente de serem militantes antifascistas, nazistas convictas ou indiferentes, têm um final trágico – a morte em um bombardeio, em um campo de concentração, em batalha no caso dos rapazes ou o suicídio. Essa percepção é apontada pela narradora ao falar de Leni:

Então como agora, era muito tôla para compreender que os destinos do povo, e que por isso mais cedo ou mais tarde o sofrimento ou a felicidade da sua colega haveria de ensombrar ou ensolarar o seu próprio destino. (*idem*, p.41).

Esta reflexão de Netty expressa a visão segundo a qual não importava o que cada uma fizesse, suas escolhas ou posicionamento político, o destino do país era algo maior, que acabaria por atingi-las de qualquer maneira. A posição política da narradora é bem marcada e será comentada adiante.

No regresso para casa, ao término do passeio, ganham lugar no conto também as transformações do espaço, que é igualmente colocado sob o contraste dos dois planos temporais. São descritas a ponte do rio Reno, as casas à sua margem, e as ruas próximas

pelas quais Netty seguiria para casa. A detalhada descrição do espaço soma mais um elemento autobiográfico ao conto da autora nascida em Mainz, às margens do Reno, cidade que possui as ruas descritas por Netty próximas à margem do rio, tornando o caminho descrito do barco à casa da narradora bastante verossímil. A visão da cidade intacta contrasta, na lembrança de Netty, com as fotografias que veria no futuro de sua cidade destruída pela guerra:

Quando enveredamos para o centro da cidade, senti um peso no coração, como se algo absurdo, algo mau me esperasse, talvez uma notícia terrível ou uma desgraça, que eu esquecera levemente durante o nosso alegre passeio. Mas depois compreendi que a Igreja de São Cristóvão não poderia ter sido destruída num bombardeio noturno, uma vez que podíamos ouvir o badalar de seus sinos. (*idem*, p.48).

O futuro que teria sua cidade sob os bombardeios da Segunda Guerra também é relatado ao passar pelas ruas – cuidadosamente nomeadas -, pelas lojas que revê e pessoas que viriam a morrer em breve, inclusive de sua própria família. Notamos que, se o pacto autobiográfico não é plenamente estabelecido no texto, diversos elementos apontam para os fatos que conhecemos da biografia de Seghers. A infância de Netty Reiling em Mainz e sua vida escolar são relatadas na biografia que Christiane Zehl-Romero (2000, p.63-92) escreveu da autora, e em muitos pontos convergem com a narrativa do conto. Ao mesmo tempo em que o conto apresenta os elementos exigidos por Lejeune em sua teoria para a autobiografia, poderíamos por certo ler a narrativa como texto puramente ficcional. Se há elementos comprovadamente pertencentes à biografia de Seghers, também os há em abundância que não podem ser verificados, e estes se mostram em especial na descrição das personagens, as *meninas mortas*, cuja existência real dificilmente alguém se proporia averiguar. Preferimos considerar, portanto, o conto de Seghers como pertencente a um gênero limítrofe, narrativa sobre bases autobiográficas mas com considerável margem de fabulação. De acordo com Figueiredo,

A autoficção, tal como concebida por Doubrovsky, seria “uma variante ‘pós-moderna’ da autobiografia na medida em que ela não acredita mais numa verdade literal, numa referência indubitável, num discurso histórico coerente e se sabe reconstrução arbitrária e literária de fragmentos esparsos de memória”. (FIGUEIREDO, 2007, p.3).

Ao citar Serge Doubrovsky (apud Vilain, 2005), Figueiredo (2007, p.3) aponta para uma definição do moderno conceito de *autoficção*, que pode ser aproximada da leitura híbrida que fizemos até aqui de *O passeio das meninas mortas*: embora Doubrovsky se refira a manifestações pós-modernas da escrita do “eu”, do mesmo modo não podemos afirmar que o texto de Seghers traga uma “verdade literal” ou uma “referência indubitável”. O anacronismo entre a teoria e o objeto apenas lança sobre este último a luz de uma nova possibilidade de leitura; o mesmo anacronismo se desfaz se aproximarmos a relativização da verdade do texto proposta por Doubrovsky das considerações de Bakhtin, ao percebermos na autobiografia um ato estetizado pela projeção do autor e seu Eu em um plano artístico (apud MARTINS, 2008, p.100). Assim, limitamos a autobiografia no conto de Seghers, em nossa leitura, à composição da base sobre a qual o conto será elaborado, espaço de seleção, omissão e transformação das experiências pessoais de Seghers em uma narrativa ficcional, mas de grande verossimilhança pelo contexto histórico no qual se insere.

A onisciência da narradora é um dos principais fatores que nos fazem afastar o conto do gênero autobiográfico. Vejamos, por exemplo, a narração da morte de uma das colegas:

[...] seu cabelo encaracolado, atado com uma fita de veludo. Num certo dia do inverno russo de 1943, quando o seu hospital é inesperadamente bombardeado, ela se lembrará daquela fita de veludo e daquela casa branca e ensolarada às margens do Reno, dos rapazes que chegavam e das meninas que partiam. (SEGHERS, 1969 p.43).

Nesta e em várias outras passagens do texto a narradora revela ou se questiona sobre pensamentos e sentimentos das personagens, como a colega que se suicida por vergonha da bandeira suástica desfraldada em frente a sua casa pelo marido, ou o sentimento de superioridade de Marianne e seu marido, convictos defensores do nacional-socialismo que teriam desprezado antigos amigos nessa nova configuração político-social. Certamente que essas colocações da narradora acabam por afastar o texto da credibilidade enquanto autobiografia, constituindo um elemento definitivamente ficcionalizante do conto.

Ainda com relação à onisciência da narradora, não podemos deixar de mencionar que está estreitamente ligada ao seu posicionamento político e ideológico. A crítica ao sentimento de superioridade dos nazistas acima mencionado é uma das bases desse posicionamento, que se constrói ao longo do texto através de trechos como o que segue:

[...] Marianne contrairia nova união com um tal Gustav Liebig, que passara incólume pela Primeira Guerra mundial e que mais tarde se tornaria comandante de um batalhão de assalto da SS da nossa cidade. Isto é o que Otto Fresenius, ainda que tivesse voltado são e salvo da guerra, nunca teria se tornado, nem isso, nem homem de confiança do chefe do distrito. O traço de justiça e retidão que já se marcava nitidamente no seu rosto de rapaz tornava-o inteiramente imprestável para uma tal carreira e uma tal profissão [...]. (*idem*, p.40)

Ao desqualificar o jovem Otto para a carreira na SS devido à sua “justiça e retidão”, a narradora coloca em pontos opostos as virtudes do rapaz daquilo que era esperado de tais oficiais. Outra passagem, também relacionada a Marianne e o novo marido – neste ponto definitivamente colocados como figurações da parcela nazista da sociedade no retrato que Seghers dela faz – critica o posicionamento dos seguidores do *Führer*:

Como podia então mais tarde entrar-lhe no pensamento aquele logro, aquela loucura, que ela e seu marido sozinhos eram donos do amor à pátria e por isso tinham o direito de desprezar e denunciar a menina à qual agora se apoiava! (*idem*, p.46).

Neste ponto, a crítica ao futuro pensamento – revelado pela onisciência da narradora – da colega se desdobra em crítica a todo um movimento social promovido pelo nacional-socialismo: o patriotismo exacerbado que cegou tantos cidadãos alemães é aqui referido como um “logro”, uma “loucura”. A ideia de engano também se apresenta um pouco adiante, quando Netty caminha por sua cidade (que sabia ter sido destruída anos depois) e se pergunta se o cenário intacto que via não seria resultado de uma ordem de Goebbels para rapidamente construir uma cidade fictícia, iludindo a população e a audiência internacional a respeito das consequências de algum ataque. Sobre esse procedimento supostamente comum pelo governo do *Reich*, a Netty adulta diz: “estávamos todos habituados a esse tipo de mistificação e enganos, não apenas a

respeito de bombardeios, mas também com referência a outros assuntos, mais difíceis de descobrir” (p.48).

A mescla de dados autobiográficos e ficção com que Seghers compõe seu conto nos coloca a questão do papel da autobiografia na Literatura de Exílio, quando tantos autores quiseram relatar suas sofridas experiências. De acordo com Lejeune (1991, p.60), “a autobiografia [...] é um modo de leitura tanto como um tipo de escritura, é um efeito contratual que varia historicamente”. Qual seria, desse modo, o “efeito contratual” desse resgate de memórias e da incrustação de tantos dados reais na ficção de Seghers? Para Maciel (2004, p.83), “as memórias [...] são uma busca de recordações por parte do eu-narrador com o intuito de evocar pessoas e acontecimentos que sejam representativos para um momento posterior, do qual este eu-narrador escreve”. Ao resgatar as lembranças do passeio feito décadas antes e das antigas colegas e professoras, Seghers constrói todo seu conto sobre uma estrutura de oscilações entre os planos temporais que implicam no contraste entre esses dois planos; ao destacar a inocência, a esperança no futuro, as promessas de felicidade da juventude em oposição à destruição – das amizades, das vidas, da cidade –, o positivo do passado em contraste com o negativo do presente, estabelece-se a denúncia contra o nazismo e, mais que isso, abre-se o questionamento sobre o papel das pessoas comuns nos terríveis acontecimentos das décadas de 1930 e 1940 na Alemanha. Seghers evoca todas essas “pessoas e acontecimentos que sejam representativos para um momento posterior”, como colocou Maciel, buscando compreender os acontecimentos posteriores através da compreensão das pessoas.

A motivação da escrita do texto, segundo a narradora, seria uma incumbência dada pela professora de escrever um relato da excursão que fizeram. Assim termina o conto, com a reafirmação de Netty de que iria agora, anos depois e conhecendo tudo o que aconteceria mais tarde, cumprir a tarefa e escrever o relato, remetendo o leitor de volta ao início do relato. A estrutura oscilante quanto ao tempo termina de forma a fechar-se em circularidade, com a proposta da escrita do relato que a professora pedira.

Considerações finais

No conto de Seghers – que poderíamos considerar amostra representativa de uma parte considerável da Literatura de Exílio -, o uso de uma base autobiográfica sobre a qual se constrói o fictício não basta para rotularmos o texto como autobiográfico, mas ao conferir maior verossimilhança ao relato aumenta também o impacto que causa no leitor a narração de acontecimentos tão terríveis. E o escritor no exílio não procura poupar seu leitor de verdades indesejáveis. Para Alberti,

se alguém se põe a escrever uma autobiografia, é porque tem em mente fixar um sentido em sua vida e dela operar uma síntese. Síntese que envolve omissões seleção de acontecimentos a serem relatados e desequilíbrio entre os relatos [...], operações que o autor só é capaz de fazer na medida em que se orienta pela busca de uma significação [...] (ALBERTI, 1991, p.77).

Consideramos o conto como pertencente a um gênero limítrofe entre a autobiografia e a ficção, e procuramos justificar tal consideração apontando para os fatos verificáveis que compõem a base autobiográfica do texto – acontecimentos na vida de Seghers, sua infância, seu nome, a construção e desconstrução do espaço e os fatos históricos -, e também para os elementos que fazem do texto ficção, como a onisciência da narradora e o grande número de detalhes (impossíveis de serem verificados) sobre as demais personagens e seus destinos.

A alternância espaço-temporal tem importante função na delimitação do posicionamento da narradora – aqui confundida com a autora -, pois a dureza do *contraste* estabelecido é eficaz ao convencer-nos da indiscutível tragédia que foi o nacional-socialismo para a sociedade alemã, dividindo-a e destruindo as vidas de tantas pessoas, representadas pelas meninas mortas. A significação buscada por Seghers ao mesclar sua autobiografia com elementos ficcionais (porém verossímeis) é a exposição a seus leitores – que se espalhavam por várias partes do mundo – do que significava o nazismo para a Alemanha e o mundo: um presente sombrio, feito de medo e morte, destruindo o viço de mais de uma geração, suas esperanças e promessas de um futuro feliz.

A margem de fabulação do conto é o espaço em que os acontecimentos são revisitados, em que as pessoas comuns têm seus papéis apontados na sociedade, em que a história tem seus recortes selecionados e com grande verossimilhança e artifício são

remodelados à estrutura do texto de Seghers, a composição ficcional carregada com o peso do histórico e da experiência. A memória individual, perpetuada pela escrita da redação pedida pela professora, é acrescida da ficção e da soma de outras memórias e relatos, compondo um belo e triste panorama da sociedade. Se o texto escolar teria como leitora a professora, no tempo em que é escrito passa a se dirigir aos muitos leitores de Seghers em todo o mundo.

Referências

- ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 4, n.7, p. 66-81, 1991.
- FIGUEIREDO, Eurídice. Dany Laferrière: autobiografia, ficção ou autoficção. **Interfaces Brasil / Canadá**. Rio Grande: n.7, 2007.
- GALLE, Helmut. Elementos para uma nova abordagem da escritura autobiográfica. **Matraga** (Rio de Janeiro), v. 18, p. 64-91, 2006.
- LEJEUNE, Phillippe. El pacto autobiográfico. In: LOUREIRO, Ángel G. (Org.). **La autobiografía y sus problemas teóricos**. Barcelona: Antropos, 1991. P.47-61.
- MACIEL, Sheila Dias. A literatura e os gêneros confessionais. In: BELON, Antonio Rodrigues; MACIEL, Sheila Dias. (Org.). **Em Diálogo - Estudos Literários e Lingüísticos**. Campo Grande: UFMS, 2004, v.1, p. 75-91.
- MARTINS, Anna Faedrich. Resenha: El pacto autobiográfico. In: LOUREIRO, Ángel G. (Org.). **La autobiografía y sus problemas teóricos**. Barcelona: Antropos, 1991. (p. 47-61). **Letras de Hoje** (Online), Porto Alegre, PUCRS, v. 43, p. 99 - 112, 30 out. 2008.
- SEGHERS, Anna. O passeio das meninas mortas. In: LANGENBUCHER, Wolfgang (org.) **Antologia do moderno conto alemão**. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.
- VILAIN, Philippe. **Défense de Narcisse**. Paris: Grasset, 2005.
- ZEHL-ROMERO, Christiane. “Ich glaube, es war eine sehr günstige Jugend“. In: _____. **Anna Seghers: eine Biographie 1900-1947**. Berlin: Aufbau-Verlag, 2000. P.63-92.